

# Arte Comentada

Jeanine Mafra Migliorini  
(Organizadora)

 **Atena**  
Editora

Ano 2018



Jeanine Mafra Migliorini

(Organizadora)

# Arte Comentada

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação e Edição de Arte:** Geraldo Alves e Lorena Prestes

**Revisão:** Os autores

#### Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

A786 Arte comentada [recurso eletrônico] / Organizadora Jeanine Mafra Migliorini. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Arte Comentada; v.1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-057-5

DOI 10.22533/at.ed.575191801

1. Arte – Crítica e interpretação. 2. Arte – Filosofia. I. Migliorini, Jeanine Mafra. II. Série.

CDD 707

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

Arte é um vocábulo carregado de significado, em cima dele existem muitos discursos, ao mesmo tempo que abre leques de possibilidades de entendimento, restringe a compreensão por parte da maioria. Afinal sempre procuramos a resposta certa, fechada, para as questões, e isso não será encontrado na arte. Existem sim conceitos e respostas para ela, mas não um único significado, são caminhos que nos levam a reflexões que enriquecem ainda mais esse discurso.

O que é arte? Este é um questionamento que perpassa os séculos e mantém-se atual, afinal arte é reflexo da sociedade, que está em constante mudança. Arte é resultado da sociedade, e por isso se ressignifica, muda de sentido e de função. Neste momento histórico muitas linguagens artísticas se apresentam como forma de expressão, novas formas de arte que trazem à tona representações, questionamentos, ampliam a abrangência e muitas vezes desmistificam que a arte se volta apenas para uma elite a que ela tem acesso.

Outra grande influência na arte é a própria tecnologia, que além de possibilitar novas linguagens auxiliam na propagação da produção artística atual e histórica. O acesso a arte se torna mais possível, e esse conhecimento cria novos artistas, permitindo assim um círculo virtuoso de produção e conhecimento.

Apresentam-se aqui discussões acerca da arte nas suas mais variadas linguagens, e sua compreensão: a arte é única e individual, seu entendimento depende do repertório, da vivência de cada um, e esses múltiplos olhares complementam a obra.

Discute-se a função social da arte, seu papel como crítica social e o impacto dessa crítica, e apresenta a necessidade de se classificar essas linguagens, como se faz nas ciências exatas. Esse universo amplo permite que se englobem as discussões sobre os sons da cidade, as performances, a dança, as imagens. Percorrendo este caminho chega o momento de o cinema entrar neste debate, além dos movimentos coletivos de arte, finalizando com a imagem, uma vasta discussão sobre suas funções, sua estética, sua função.

Tão ampla como a temática deste livro, essa discussão não se encerra, ela busca respostas e novos caminhos de que podem ser seguidos por pesquisadores, curiosos, estudantes. Quem mergulha neste universo em busca de respostas, acaba encontrando mais perguntas.

Boa leitura! Trace seus caminhos, suas interpretações, suas impressões, e que elas lhe proporcionem muitas reflexões!

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>7</b>
JANELAS MÚLTIPLAS, JANELAS DO OLHO, ESPÍRITO DA ALMA, ESPELHO DO MUNDO.	
Sandra Makowiecky	
DOI 10.22533/at.ed.5751918011	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>20</b>
COLETIVO ANDORINHA: UM ANO DE EXISTÊNCIA, DE RESISTÊNCIA, DE POLÍTICA, DE ARTE, DE EDUCAÇÃO	
Samara Azevedo de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.5751918012	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>28</b>
AS ARTISTAS NO INÍCIO DO SÉCULO NO RIO GRANDE DO SUL E A CRÍTICA DE ARTE	
Ursula Rosa da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.5751918013	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>29</b>
TANTO FAZ SE É PERFORMANCE OU NÃO	
Natasha de Albuquerque	
Maria Beatriz de Medeiros	
DOI 10.22533/at.ed.5751918014	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>41</b>
ENTRE JANELAS E PESSOAS: EM BUSCA DE UMA ESCUTA CIDADINA	
Thais Rodrigues Oliveira Sainy Coelho	
Borges Veloso	
DOI 10.22533/at.ed.5751918015	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>55</b>
A ARTE DO CORPO PERFORMÁTICO MEDIADO PELA TELA DO CINEMA DOCUMENTAL: AS FORMAS-FENDAS DO OLHAR NA(DA) DANÇA	
Cristiane Wosniak	
DOI 10.22533/at.ed.5751918016	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>69</b>
MEMÓRIA EM DIÁRIOS DE VIDEOGRAMAS – UM DIÁLOGO ENTRE A RETOMADA DE IMAGENS DE ARQUIVO PROPOSTA POR JONAS MEKAS E HARUN FAROCKI	
Guilherme Bento de Faria Lima	
Monica Rodrigues Klemz	
DOI 10.22533/at.ed.5751918017	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>80</b>
“SOMBRAS DO PASSADO”: O PERDÃO EM BUSCA PELA VERDADE E RECONCILIAÇÃO	
Alessandro Galletti	
Ricardo Vilariço Ferreira Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.5751918018	

<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>94</b>
DISPOSITIVO E COLETIVOS ARTÍSTICOS: UMA METODOLOGIA DE NARRAR O ENCONTRO	
Lara Lima Satler	
Lisandro Magalhães Nogueira	
DOI 10.22533/at.ed.5751918019	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>109</b>
PRODUÇÃO DE SENTIDOS E (RE) SIGNIFICAÇÃO NA HISTÓRIA A PARTIR DO MOVIMENTO <b>BLACKFACE</b>	
Daiany Bonácio	
Giuliano Mattos	
Viviane Dias Ennes	
DOI 10.22533/at.ed.57519180110	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>125</b>
DA LEMBRANÇA AO SONHO: ANÁLISE FÍLMICA DE “A DANÇA DA REALIDADE”, DE ALEJANDRO JODOROWSKY.	
Ana Carolina Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.57519180111	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>134</b>
BREVES APONTAMENTOS SOBRE O ONÍRICO, OU UMA PRIMEIRA IMERSÃO NAS IMAGENS SEM LUZ	
Carlos de Azambuja Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.57519180112	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>142</b>
IMAGENS SENDO IMAGENS: REFLEXÕES DE UM CAMPO DE LUTA, RESISTÊNCIA E PODER.	
Patrícia Quitero Rosenzweig	
Rosa Maria Berardo	
DOI 10.22533/at.ed.57519180113	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>158</b>
QUESTÕES ESTÉTICAS DAS MÍDIAS: LATITUDES COMO EXEMPLO TRANSMIDIÁTICO	
Vanessa de Cassia Witzki Colatusso.	
DOI 10.22533/at.ed.57519180114	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>169</b>
IMAGEM E MEMÓRIA: A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA A PARTIR DO ARQUIVO DO FOTÓGRAFO PROFISSIONAL	
Thiago Guimarães Azevedo	
DOI 10.22533/at.ed.57519180115	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>177</b>
OS PIONEIROS DA FOTOGRAFIA EM PONTA GROSSA: UMA ANÁLISE DO JORNAL O PROGRESSO E CASA DA MEMÓRIA	
Tais Maria Ferreira	
Carlos Alberto de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.57519180116	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>189</b>

## TANTO FAZ SE É PERFORMANCE OU NÃO

### Natasha de Albuquerque

Universidade de Brasília, Departamento de Artes  
Visuais  
Brasília – Distrito Federal  
xb

### Maria Beatriz de Medeiros

Universidade de Brasília, Departamento de Artes  
Visuais  
Brasília – Distrito Federal

**RESUMO:** Este artigo expõe a necessidade da instabilidade nas definições de arte e propõe o termo: *tanto faz se é performance ou não*. Para tal, é relacionada a teoria de Arthur Danto às experiências da autora junto ao grupo *Corpos Informáticos*. Percebe-se que, quando é dado o nome de “performance” ou “arte” a uma situação de desvio, há a tendência da ação justificar-se e de não questionar-se. Essa tendência anestesia as tensões de quebra do status quo. Chega-se ao ponto central que é a própria dúvida. Meio à flutuação da arte é proposto um nado no nada pelo relato da “Oficina de Nihilismo” - prática participativa, em espaço público, que permuta definições ao atravessar tanto o trivial quanto o artístico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Performance, cotidiano, dúvida, *Corpos Informáticos*.

**ABSTRACT:** This article exposes the need to the instability when it concerns the definitions of art and brings out the term: “it doesn’t matter whether it is performance or not”. To do so, it relates the theory from Arthur Danto to this work’s author experience alongside with the group *Corpos Informáticos*. When the term “performance” or “art” is given to a situation of deviation, there is a tendency for action to justify itself and not to question itself. This tendency numbs the tensions of breaking the *status quo*. There’s a point of arrival that is its own doubt. In the middle of the art’s floatation, it is proposed that we swim in the void, in portuguese: *nadar no nada*, through the Nihilism Workshop - participative practice, in public spaces, that change definitions once we cross the boundaries of both trivial and artistic.

**KEYWORDS:** Performance, day life, doubt, *Corpos Informáticos*.

### 1 | INTRODUÇÃO

Houve o caso, na exposição *birutas (e) vento*, realizada pelo grupo *Corpos Informáticos* na Galeria Espaço Piloto, em que os funcionários da limpeza da galeria pediram uma reunião conosco, para que o grupo definisse a eles o

que era arte e o que era lixo. Foi de certo uma boa pergunta. A partir disso, e rimos de nós mesmos por não saber muito bem como responder e decidimos na hora o que poderia ser “limpo”.

Além de performances nos *(E)ventos*, esta exposição continha fotos, vídeos, objetos manipuláveis, instalações (figuras 1 e 2) -- quem sabe monumentais quem sabe nada artísticas. Havia trabalhos que correspondiam a linguagens artisticamente inteligíveis, como havia objetos que denunciavam processos ou que pareciam estar lá por questões aleatórias e espontâneas.



Figura 1: Exposição birutas(E)vento com instalação “lance de dados”. Espaço Piloto, UnB. 2014.



Figura 2: Exposição birutas(E)vento com “instalação sonora” e participação indefinida do público. Espaço Piloto, UnB. 2014.

Somos cerca de dez integrantes no grupo, contaminados por corpos expandidos e transeuntes que mexem, deixam, levam. Sendo assim, o senso de decisão do



que é arte e o que deve ser excluído da exposição, se deixa para todos numa (im) predominância (sic) de sentenças.

Em experiências de C.U. - Composição Urbana - (Albuquerque & Medeiros, 2013), lidamos diretamente com contextos que não correspondem ao meio artístico, que, portanto, facilmente desapropriam o trabalho da arte. O trabalho artístico na rua pode ser um desvio incisivo ou contraponto da normalidade ou C.U. ou arte que se mistura na banalidade do cotidiano. Tal mistura é provedora de um questionamento: isso é arte?

## 2 | A DÚVIDA

As perguntas “se isso ou aquilo é arte”, “se é performance ou não” parecem um tanto comprometedoras. Nós, Corpos Informáticos, não costumamos responder tais perguntas aos transeuntes perplexos que acreditam, ou não, que nossas ações sejam arte. Deixamo-los soltos nas indefinições dos seus *onze sentidos* (Aquino & Medeiros, 2011). Nisso, escutamos destes mesmos questionadores não somente onze definições, onze sentidos para aquilo estar acontecendo, mas infinitas interpretações partindo de um único acontecimento.

A performance, por estabelecer um status de arte, pode-se manter distante do cotidiano ou do que não é arte. Percebe-se que, quando é dado o nome de “performance” ou “arte” a uma situação de desvio, há a tendência da ação justificar-se e de não questionar-se. Essa tendência anestesia as tensões de quebra do *status quo*, perde espanto, como também gera um *distanciamento* da vida. A noção de *distanciamento* é para Arthur Danto (2005) uma dicotomia entre mundo imaginário e mundo real. Assim, quando a arte é provocada, é gerado um distanciamento por não a ver como realidade.

O trabalho fomenta e gera impacto independente dessa pergunta ser respondida. A questão é: se tal pergunta é tão recorrente, há mesmo necessidade de respondê-la?

Nós, Corpos Informáticos, não nos vemos amarrados em definições de arte, transitamos na dúvida. Vemos necessidade de misturar as criações artísticas com qualquer banalidade. Por isso é possível responder: *tanto faz se é performance ou não*.

No livro *A Transfiguração do Lugar-Comum*, Arthur Danto (2005) narra um episódio tangencial de uma exposição de sua curadoria, que consistia em obras de arte e coisas que não são arte. Todas as imagens eram equivalentes (retângulo ou quadrado vermelho pintado sobre uma superfície), mas Danto as descreveu com distinção. As diferenças estavam não só em suas significâncias, nos títulos, nas faltas de título, mas também na classificação de obras de arte e objetos que não correspondiam a esse status. Gera-se uma reflexão perturbadora.

Arthur Danto pressupõe algumas formas de se definir um objeto como arte, analisando o hiato entre as “obras de arte” e as “meras coisas”, para assim observar

seus vazamentos. Nelas são feitas reflexões próprias e de filósofos para chegar a alguma formulação sobre arte e, em seguida, rebater cada uma destas teorias. Aqui, como em Danto, afirma-se para desconstruir.

A definição de arte pode começar pelo título; intenção artística, expressão, símbolo, metáfora, representação, aparição, retórica, reflexão, convenção, filosofia da ação entre outras. Todas essas tentativas de definir arte - mencionadas a priori, na filosofia de Aristóteles, Platão e Sócrates – foram analisadas por Danto e, por conseguinte, vistas como insatisfatórias e assim detidas.

O que não seria arte?

(...) a distinção entre obras de arte e meras coisas reais é inescrutável. Portanto, nenhuma dessas teorias ajuda muito a estabelecer a linha divisória (...) pois ambos os objetos são descontínuos em relação a qualquer coisa preexistente. (Danto, 2005, p. 70)

Em diversas discussões, a definição de arte é vista como resultado do negar o próprio ato de definir. Mergulhamos em contradição. O interessante nessa pesquisa não é a definição do que é arte (e o que não é), mas seus tropeços, seus saltos, seus labirintos. Desta maneira, um objeto ou uma ação entram em controvérsia, na impermanência entre a arte e uma coisa qualquer.

Pode-se entender que as caixas *Brillo* (figura 3) copiadas por Andy Warhol são arte no momento que se encontram nas galerias e museus, e também entende-se que as caixas *Brillo* do supermercado não são arte. Essa definição e diferenciação é facilmente clara quando analisada em contextos distintos, quem sabe dicotômicos: entre instituição de arte e cotidiano. Esses objetos transfiguram seu lugar, porém conseguem se estabelecer em definições momentâneas a partir de seus contextos.



Figura 3: Andy Warhol. *Brillo Box*. Museum United. 1964.

Arthur Danto transgrediu a filosofia da arte para acompanhar a produção dos artistas daquele momento e localidade. Hoje, quarenta anos depois, nos encontramos

em um emaranhado muito mais complexo entre a arte e a vida. Não poderíamos acreditar que uma teoria de outro contexto nos seria suficiente. Com o embasamento do autor, poderíamos eleger objetos quaisquer como arte, mas não vemos necessidade de sublimação e hierarquia.

Voltando à exposição *birutas (e) vento*, poderíamos jogar a arte no lixo ou falar para os funcionários da limpeza que era tudo lixo, não arte; ou quem sabe, encher a galeria de rastros nossos e do público – o que transmutaria o lixo em arte da mesma maneira por estar exposto em uma galeria de arte – mas não vem ao caso deixar a arte para tratar das “meras coisas”, ou transfigurá-las em arte.

O que a teoria de Danto não discute são as osmoses que acontecem fora de espaços de convenção artística, as Composições Urbanas, as iterações do público dentro e fora das galerias, a mistura de todos os contextos, as redes que conectam, a internet, o esvaziamento do pensamento para uma prática artística.

Chegamos a um ponto em que as fronteiras entre o imaginário e o real bambaleiam e andam bêbadas de mãos dadas, se contaminam uma na outra, criam um *lance*. Afinal “(...)como criar sem vida e como viver sem arte?” (Mariana Brites, 2016, inédito). Fazemos arte no cotidiano, fazemos cotidiano na arte para que ambas se diluam por completo numa experiência caótica. Nesse entremeio, entendido como hiato ou lacuna, não há definições de caminhos a seguir. Boiamos em estado indeterminado flutuante.

Podemos entender o mundo como um armazém repleto de tipos de coisas, onde não há um denominador comum. Esta ideia de armazém também é citada por Arthur Danto (2002) ao analisar o legado de Fluxus. A ironia da História desestabiliza a habilidade comum para distinguir as obras de arte do inventário do resto do mundo. Navegamos, pois nenhuma definição nos fará mais sábios.

### 3 | OFICINA DE NIILISMO

Vamos a outro caso para reflexão. Durante o evento *Performance Corpo Política* de 2015 (<http://performancecorporopolitica.net>) realizado pelo Corpos Informáticos, distribuí boias aquáticas aos componentes do grupo e aos convidados do evento. Estávamos juntos para realizar um percurso de metrô até a Feira da Ceilândia: local onde seriam realizadas as performances do evento. (Figuras 4, 5, 6, 7 e 8)

Já na distribuição e na tarefa de encher as boias, a sensação era de caos e bagunça por parte dos presentes. Não consegui explicar a todos que aquilo tratava de uma concepção niilista, titulada *Oficina de Niilismo* onde o nado era no nada e os entendimentos, as certezas, boiavam na paisagem.





Figura 4: *Oficina de Nilismo*. Proposta por Natasha de Albuquerque para Corpos Informáticos e corpos expandidos. Na foto: família Gunther, Matheus Opa, Luísa Gunther, Beatriz Provasi, Gustavo Silvamaral, Ary Coelho, João Quinto, Diego Azambuja, Bia Medeiros, Arthur Scovino, Natasha de Albuquerque, Zmário, Diego Torres, Vanderlei Costa, Ayla Gresta e Rômulo Barros. Fotografia: Matheus Carvalho Costa. Performance Corpo Política. Brasília, 2015.

Queria e tentei organizar algo estético e artístico como uma coreografia de balé no qual as boias seriam tutus. Isso não se deu logisticamente e aconteceu de forma dessincronizada. Queria que todos inseridos estivessem entendendo a ideia do trabalho, que não era uma proposta gratuita por ter uma intenção inicial elaborada. Fracassada a comunicação uniforme sobre o assunto, partimos.

Estes meus “quereres” foram bem contraditórios e incoerentes, uma vez que a concepção era o não saber. Estávamos entre artistas, todos no entendimento que fazíamos acontecer um evento de arte na rua, mas estávamos dispersos, baderneiros, sem uma linha condutora daquele instante e sem um acordo de que naquele percurso todos estariam fazendo performance, embora isso fosse um pouco óbvio já que estávamos fazendo performances nas ruas há dois dias.

Alguns dançaram, outros nadaram no ar, também rolaram, outros nada fizeram, como outros dormiram. Houveram movimentos simbólicos (de intenção aquática, de balé, etc.), como também movimentos aleatórios que correspondiam ou nada correspondiam à ideia inicial ou, ainda, nada correspondiam a nada. Transeuntes aleatórios nos imitaram, vestiram boias, cantaram, fizeram cara feia, fingiram que não viram, filmaram, riram, reclamaram, perguntaram o que era aquilo, mas nem nós sabíamos ao certo.



Figura 5: Oficina de Niilismo. Proposta por Natasha de Albuquerque para Corpos Informáticos e corpos expandidos. Performance Corpo Política. Metrô. Brasília, 2015.



Figura 6: Oficina de Niilismo. Proposta por Natasha de Albuquerque para Corpos Informáticos e corpos expandidos. Performance Corpo Política. Metrô. Brasília, 2015



Figura 7: Oficina de Niilismo. Proposta por Natasha de Albuquerque para Corpos Informáticos e corpos expandidos. Performance Corpo Política. Metrô. Brasília, 2015.

Na *Oficina de Niilismo* ocorrem escapes de uma representação metafórica, ou melhor, demonstrações de particularidades das expressões mais comuns às *desviatórias* (Jacques, 2012) como práticas que escapam ao controle disciplinar através de ações singulares, plurais, multiformes, astuciosas e teimosas que contrariam e

sobrevivem a um sistema de conduta. São estas práticas: O cabelo alisado da mulher que passou, o bocejo, a cambalhota grupal, a dança altruísta, a artista no canto, o autista olhando, o senhor que sorriu e logo foi embora. É o que Arthur Danto define como *estilos*: aquilo que restou de uma representação. Já Corpos Informáticos, define toda essa bagunça em *apresentações, fuleragem e lance*. Ainda que dissonantes, todos estes *estilos* se agrupam na *Oficina de Niilismo* mesmo sem vestir boias ou metaforizar um nado aquático ou decodificar o ocorrido.

São inventadas na hora as diferentes modalidades da oficina:

1. **Nado ou nada sincronizado:** aglomeração de nadadores no nada.
2. **Nádegas a declarar:** nado onde as nádegas estão em evidência.
3. **Balé de boias:** as boias circulares são utilizadas como tutu de balé e os outros modelos como ajudantes da flutuação dos bailarinos. Esta modalidade também dialoga com a modalidade 1.
4. **Tô de boias:** relativo à estar *de boas* (gíria); não querer algo; ignorar algo sem causar um conflito; posição passiva de negação; fazer-se de desentendido.
5. **Boiada:** bando de gente nadando.
6. **Nada com nada:** Motivação ou solicitação aos nadadores permanecerem em colagem com o nada: “vai nadar lá com o nada”.
7. **Nad(x):** relativo ao gênero com falta de distinções do ato de boiar.

As modalidades em branco correspondem ao que não foi inventado.

Algumas explicações teóricas que não foram dadas:

**Tô boiando:** gíria utilizada em momentos incompreensíveis, ou em momentos em que não se sabe o que está sendo dito e não há grandes esforços para entender. Bastante frequente em salas de aula. A sensação de estar boiando pode ser vista por terceiros como uma expressão de “cara de paisagem” em que se olha, mas não se vê.

**Método Scanning:** modelo de apreensão visual proposto por Joseph Beuys. Consiste em sentir o próprio corpo em continuidade com a paisagem; estender suas linhas à linha infinita do horizonte. Muito utilizado por Beuys para requalificar a relação do humano com o espaço aberto e afagar as visões descontínuas e fragmentadas da cidade grande. Para esta oficina, o Método Scanning é sugerido para o deslizamento nas superfícies da paisagem (a paisagem como qualquer coisa em totalidade, imensidão).

O ato de boiar também é proposto em ar e em olhar: corpo que boia no vento, olhar que não vê e se torna paisagem.

**Deriva:** prática teorizada pelo situacionista Guy Debord que consiste em seguir um caminho não necessariamente óbvio, mas que se deixa levar pelo desejo e pelos sentidos. Guy Debord também teoriza a prática da Psicogeografia para análise do local. No caso, ficaremos com a parte de boas do Debord para contemplar o se perder e não necessariamente o saber. O que nos leva no acaso e descaso também faz parte



da deriva -não é necessário um destino.



Figura 8: Oficina de Niilismo. Por José Mário Peixoto (Zmário) para transeuntes. Fotografia: Mateus Carvalho Costa. Performance Corpo Política. Brasília, 2015.

Não estávamos em um espaço institucional de arte, a maioria era artista que não tinha certeza se estava performando porque isto não foi combinado nem descombinado, não foi declarado um começo da performance nem um final, nem que era performance, não foi dado um comando, apenas boias foram distribuídas. De fato, uma situação de desvio e uma performatividade coletiva aconteceram sem uma intenção incisiva.

Estavam misturados: um evento de arte num lugar não instituído pela arte; artistas com e sem intenção de fazer arte misturados aos transeuntes que *compuseram* e *decompuseram* (DELEUZE, 2012); objetos estéticos elegidos para uma ação artística com a vulgaridade de lojas de atacado; a funcionalidade de uma boia para não se afogar com sua inutilidade no contexto não aquático, urbano ou metaforicamente líquido (BAUMAN, 2009); entre outras misturas retóricas.

O que quero dizer é que neste acontecimento, intitulado como *Oficina de Niilismo*, não é possível delimitar o que faz parte do campo artístico e o que não faz parte, o que acontece como performance e o que é simplesmente vida cotidiana. As transfigurações entre arte e vida são instantâneas, se redobram, significam e designificam (sic) em questão de segundos.

A própria ideia de “oficina” é um vazamento da titulação de uma obra de arte, que se diferencia da arte em si. Além disso, não houve pedagogia ou condução para este

acontecimento ser de fato uma oficina. Quero dizer que, a *Oficina de Niilismo* não é necessariamente uma oficina; nem obra de arte; nem uma expressão espontânea da vida, mas ela é todas estas juntas e emaranhadas. Rizoma.

Não há necessidade de signos, metáforas correspondentes e significâncias para todo e qualquer objeto que colocamos na galeria ou para qualquer movimento feito no decorrer de uma performance. Não é necessário um título para que a criação aconteça, nem a convenção de uma instituição de arte. O que interessa é a integração, a mistura e a falta de diferenciações destes que desestabilizam o senso comum e normativo do *status quo*.

Aqui, o ponto estratégico do trabalho é, portanto, a indefinição e a dúvida do status de arte. A arte e as coisas banais se engolem, se lambuzam e se misturam; causam perplexidade e dúvida; assim, potencializam-se mutuamente.

Proponho o termo *tanto faz se é performance ou não* para diluir a seleção do que *compõe e decompõe* um trabalho de arte, como também para dissolver quaisquer definições se o ocorrido é necessariamente uma obra de arte: uma obra que duvida dela mesma. Digo que o trabalho não nega a arte como também não se firma nela, ele desliza em ambos sentidos como um estado flutuante e confuso intencionalmente.

Busca-se nisso o estado de perplexidade, do não entender, de tratar do incoerente, de se confundir, transgredindo num caminho além-inesperado. Daí chegamos na multiplicidade, ou quem sabe, na complexidade de um rizoma.

É interessante essa reviravolta de uma única coisa, definida como coisa, como arte, como nada, como inútil, transgressora, contemplativa, válida, inválida, inteligível, duvidosa, fracassada, imanente. Queremos obras transitórias de um único sentido. Queremos a liberdade de não se estagnar em um lugar e sair do entendimento exclusivo para o ambíguo, indeterminado, flutuante.

A *Oficina de Niilismo* tem continuidade por via dos transbordamentos de categorias e possibilidades. Está sempre recorrente quando as modalidades se apresentam na vida, num *(e)vento*, num olhar, num boiar e numa cara de paisagem.

#### 4 I (IN)CONCLUSÃO

Estamos em uma poética de atravessamento que não se resguarda em um único local, mas transmuta incessantemente e perde suas medidas. *Tanto faz se é performance ou não*. Tanto faz que façamos ações espontaneamente, tanto faz se o acontecimento é metrificado ou projetado anteriormente, tanto faz que isso signifique uma coisa muito importante para nós, tanto faz que tenha ou não sentido para existir. Nenhuma opção deixa de ser outra, todas as ambiguidades moram juntas e exercem seu lugar ao mesmo tempo. Que sejamos tudo e nada simultaneamente. Estamos em trânsito permanente.

As definições de arte, assim como sua indefinição, são inevitavelmente

contraditórias. Quanto mais observamos as características da arte e do que não é arte, estamos diferindo uma da outra mesmo que a busca seja sua integração. Os conceitos parecem um anular o outro. A resposta para isto é chegar ao campo prático da experiência e não se estagnar nas dicotomias dos conceitos.

As coisas podem ser criadas do nada, aniquiladas no nada, como também feitas para nada. Não seria transformar algo em nada, mas desvelar o visto, abandonar algo imposto e abrir espaço de indeterminações, flutuações ou novos começos. Considera-se o nada como um ponto de partida, o nado no lugar em que não se sabe e não se entende, a percepção vazia do espaço, o corpo que nasce em seu avesso e um perplexo que dá *tilt* nos entendimentos. O nihilismo surge em contextos decadentes, de crise, enquanto a *Oficina de Nihilismo* surge dos lugares abandonados, do vazio da cidade, do olhar obtuso e do entremeio não governado que supera as dicotomias rindo delas.

Nos lançamos na falta de explicações.

## REFERÊNCIAS

AQUINO, Fernando; MEDEIROS, Maria Beatriz de. **Corpos Informáticos- performance, corpo, política**. Brasília: Editora de Pós-graduação em Arte da Universidade de Brasília, 2011.

ALBUQUERQUE, Natasha de; MEDEIROS, Maria Beatriz de. *Composição Urbana: Surpreensão e Fuleragem*. **Revista Palco Giratório**. Rio de Janeiro: SESC, 2013, p. 24 a 35.

ALBUQUERQUE, Natasha. Manual Superficial de como as coisas advém do nada e outros conceitos (des)alfabéticos. **Revista METAgraphias v. 1, n. 2 (1) antiARTE**. p. 63-98, 2016.

Bauman, Zygmunt. **Vida Líquida**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros." *Rio de Janeiro* (2009).

DANTO, Arthur C. **A Transfiguração do Lugar Comum**. Tradução Vera Pereira. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

DANTO, Arthur C. **Após o Fim da Arte- A Arte Contemporânea e os Limites da História**. Tradução: Saulo Krieger. São Paulo: Odysseus Editora, 2006.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é Filosofia?** Tradução: Bento Prado Jr. E Alberto Alonso. Editora 34, São Paulo, 1992.

FUREGATTI, Sylvia. Contribuições de Joseph Beuys Para a Base Formativa da Arte Pública Atual. 09/2012, **Anais do Encontro Nacional da ANPAP (Online), Vol. 01**, pp.686-701, Salvador, BA, Brasil, 2012

**Internacional Situacionista: deriva psicogeografia e urbanismo unitário**. Org: Erahsto Felício. Porto Alegre: Deriva, 2007.

JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos errantes**. EDUFBA, 2012.

**O Que é Fluxux? O Que Não é! O Porque/What's Fluxus? What's Not! Why**. J Hendricks, E Salles, AC Danto - 2002 - Centro Cultural Banco do Brasil.



<https://natashadealbuquerque.hotglue.me/?tobiando>

<http://performancecorpopolitica.net/>

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-057-5

